

## **Cazumbá: a história de um Bairro e de uma família**

**Maria Cristina Machado de Carvalho<sup>i</sup>**

**Resumo:** Este texto trata sobre as experiências de indivíduos e das famílias negras no período posterior a abolição, especificamente dos moradores do Bairro São João do Cazumbá em Feira de Santana e a história da família Cazumbá. Faço uma discussão sobre as alternativas encontradas pelos descendentes de escravos para sobreviver em um período de trabalho livre e em que a sociedade não os percebiam como componentes das relações sociais, em termos de direitos.

**Palavras-chave :** Cazumbá, família, Recôncavo, bairro, pós-abolição

### **Introdução**

Este texto trata das experiências de indivíduos e das famílias no período posterior à abolição, especificamente da família Cazumbá e dos moradores do Bairro São João do Cazumbá em Feira de Santana. Analisaremos aqui as alternativas encontradas pelos descendentes de escravos para sobreviver nos anos que se seguem ao fim do cativeiro e como eram percebidos como emergentes da antiga condição escrava.

Além de tratar das experiências e trajetórias dessas pessoas, pretendo analisar as representações que os próprios sujeitos elaboraram de si mesmos e de suas famílias. A ideia é compreender os significados dessas experiências e representações a partir do discurso oral, e das diversas fontes documentais escritas.

Com o fim da escravidão existe uma interrogação se houve continuidade ou não nas relações sociais estabelecidas com a escravidão. Sabemos que o Recôncavo desde os primórdios da colonização teriam uma população numerosa e politicamente hierarquizada.

Nesse sentido, analiso a sociedade pós-escravista com o lócus de compreender se houve ou não continuidade nas relações sociais, culturais neste espaço geográfico. O que mudou e o que permaneceu, por outro lado, discutimos fim da escravidão, seu impacto entre a população do Recôncavo, e seu efeito impulsionador para a criação e

transformação de novos atores sociais, é, pois o ponto chave na interpretação da transição entre o passado do Recôncavo escravista e o livre.

O que chamou minha atenção enquanto historiadora e cientista social é o Recôncavo com todas as suas redes de relações. Isso foi apontado por alguns trabalhos que se dedicam fazer a um histórico, traçando as diversas experiências estabelecidas pela população. Neste texto pretendo esboçar pontos que dão evidência para a complexa formação social a partir das relações de trabalho e as experiências sociais.

Essa análise segue, portanto, a intenção de compreender a história por meio das diversas formas pelas quais os atores sociais constroem suas sociabilidades; a ideia de classe social ligada à luta entre grupos sociais de pensamentos semelhantes que só se reconhecem em oposição a outros, e vice-versa, levando em conta os modos de viver a economia dos agentes sociais, nos modos de produção e reprodução dos meios materiais de vida.

Os hábitos e costumes do que viria a ser da população liberta no início do século XX são dados que nos dão uma dimensão das continuidades e discontinuidades na República, que depois de sua proclamação não aniquilou os costumes anteriores a ela. Os estilos e visões de mundo da população do Recôncavo e dos ex-escravos e descendentes mantiveram-se vivas, como foram impetradas diversas estratégias de sobrevivência no que se configurava um novo sistema social de trabalho.

Em Feira de Santana e em São Gonçalo do século XIX e mais nos anos 1881, vários “acordos” sejam eles silenciosos ou não foram estabelecidos entre donos de fazendas e homens (não sabemos de livres ou não, negros ou não). Supostamente os donos de engenhos e terras já previam o fim da escravidão e, portanto buscam garantir suas terras e a mão de obra “escrava” do trabalhador livre. Parece que mesmo com as precauções dos detentores do poder econômico e social, as mudanças para alguns indivíduos e famílias foram concretizadas.

As modificações na legislação proporcionando a liberdade do escravo provocaram mudanças e insatisfações com aquilo que deveria ser os “novos” padrões para o exercício do trabalho. Supostamente as continuidades das relações sociais do processo produtivo seriam epicentro de frequentes migrações.

O princípio migratório dos grupos familiares e indivíduos exteriorizavam o princípio da separação que fundamentava interiormente a sociedade. O tempo histórico tornou-se consciente, mas ainda não consciente de si mesmo.

### **Migrações no Século XX: bairro São João do Cazumbá e a Família Cazumbá**

No verão de 1912 um casal com seus pequenos filhos saem de sua casa situada no distrito de Bonfim de Feira, uma das mais prósperas freguesias de produção agrícola dos finais do século XIX e início do século XX. O grupo familiar não quer continuar trabalhando nas mesmas condições de escravidão que eram submetidos os seus ascendentes. O destino, não era muito distante. Talvez fossem 30 km de distância.

A localização cardeal de chegada é o sudoeste de Feira de Santana, antiga Fazenda Subaé.<sup>ii</sup> Não é necessariamente Feira de Santana, embora estivesse tão próximo, mas a região pertencia a São Gonçalo dos Campos. No lugar a vegetação era quase que original, mas que possivelmente já havia habitantes. Seria talvez um algum grupo de pessoas<sup>iii</sup>, que fugindo do cativeiro em 1820 ou períodos anteriores foram se esconder naquele lugar. Não só um grupo de pessoas que poderia ser ex-escravos fugidos que teria se organizado em quilombo, mas sabe-se, um fazendeiro por nome João Cazumbá era dono de grande extensão de terra no início do século XX.

As histórias contadas pelos moradores do Bairro como seu processo de migração está associado a história da família Cazumbá, em que as experiências desses indivíduos podem ser vistos como a história da migração e conquista do espaço e território ao logo do tempo construindo sua identidade a partir do sobrenome Cazumbá.

Por sua vez, este sobre nome não é apenas adotado pela família negra do Recôncavo da Bahia, mas foi tomado pela população negra de um bairro no período posterior a abolição. Será que a adoção teria sido por causa da história por qual passou a família? O certo é que estas experiências representam as redes sociais e as experiências de ex-escravos e dos descendentes deles e a relacionadas com as histórias do Recôncavo da Bahia.

Dona Isidora com 71 anos de idade não tinha documentos de certidão que comprovasse sua idade durante sua vida laboral. Parte de sua vida foi dedicada ao trabalho nas fazendas, além de ser mal remunerada, não tinha qualquer benefício trabalhista. Trabalhava limpando pastos nas fazendas, plantava suas roças e, também, trabalhou em lares como doméstica. Sua origem territorial é desconhecida, porque sua vida foi de “estar de um lado para o outro em cima de caminhão para trabalhar cortando, limpando cana nas fazendas em Santo Antônio de Jesus, Muritiba”.

A construção da identidade ao mesmo tempo retrata história de luta de migração e deslocamento, está relacionada ao ganho em atividades agrícolas para a subsistência da família em fazendas de grandes extensões em Feira de Santana e região. Experiências de mulheres negras que trabalhavam em roça são experiências coletivas em São João do Cazumbá.

A história de Dona Isidora é a mesma de muitos indivíduos enfrentavam por não encontrarem acolhimento na lei, mesmo depois de ter dedicado à vida ao trabalho na lavoura de plantação de mandioca, fumo, milho, feijão em fazendas da região, ou na limpeza de campos com vegetação densa e espinhosa.

Dona Diana também trabalhou em muitas fazendas, por causa da necessidade do trabalho não estudou. A história em que muitas mulheres não estudaram por causa do trabalho que estavam submetidas foi contada pelas mulheres que moram em São João do Cazumbá. Elas deviam ainda muito novas ir para a roça ajudar o pai e a mãe para conseguir o recurso necessário ao sustento da família.

A família de dona Antonieta chegou em São João do Cazumbá em 1918. Eles saíram de Bonfim de Feira. Plantava fumo e fazia todo beneficiamento: cortar, botar pra secar, desenrolar. As mulheres plantavam o lance delas, o dinheiro da venda do fumo era para comprar seus objetos pessoais e roupas. O fumo era vendido ao homem da família que revendia no armazém. O preço era muito barato, algumas vezes o tio Sabino, comprava e não pagava.

Falar sobre a trajetória de indivíduos negros não é fácil uma vez que falta informações, ou melhor, documentos que direcione a construção dessa identidade.

Porém a memória da população apresenta pistas importantes para aqueles que desejam seguir rumo à trilha deixada pelos sujeitos históricos.

Nestas experiências se inserem o Bairro João do Cazumbá, este localizado ao sudoeste do centro da cidade de Feira de Santana-Ba, atrás do Centro Industrial Subaé (CIS). De acordo com os dados do IBGE\2000, o bairro possuía em média 252 habitantes, o que corresponde a 0,056% da população de Feira de Santana.

A narrativa que mais aparece na memória dos moradores está ligada a Lucas da Feira. Este sujeito era um escravo foragido que viveu no século XIX na região do Recôncavo e Sertão. Lucas da Feira e o companheiro José Cazumbá esconderam naquele local. Onde mais tarde apareceu a imagem de São João, santo que dar o nome a comunidade. Ainda, as narrativas sugerem que o surgimento da comunidade está conexo à existência de uma antiga fazenda, a qual o dono era chamado de João Cazumbá.

As lembranças concebidas pelos moradores sobre o processo de formação da comunidade São João do Cazumbá aparece em diferentes discursos, porém, com mais rememoração aparece à história do Lucas da Feira, escravo foragido, facínora para uns, bandido social para outros e herói para alguns, ligada ao surgimento da comunidade. Foram muitas as ocasiões em que Lucas da Feira precisou fugir. E nestas fugidas ocultou-se naquela região. Segundo o relato de Dona Joana:

O bairro surgiu aqui, porque Cazumbá se escondeu ali (aponta para frente local próximo a Igreja, em frente de uma lagoa.) Lucas veio se esconder. Depois disso Horácio foi para o Saco do Limão então no lugar [a imagem de] São João apareceu. [Dona Joana, 90 anos de idade, moradora antiga do Bairro].

Os depoimentos permeados de significados com narrativas de histórias que teve como palco aquele local. Segundo a tradição oral no meio da comunidade existiu uma árvore onde Lucas da Feira costumava se esconder.

Não posso definir por estes depoimentos que o bairro surgiu de um agrupamento de negros fugidos. Mas é significativo como os diversos moradores se dividem quanto a esta referência.

A narrativa popular é mesmo fascinante. Elas trazem vivências e histórias as quais são possíveis para formar uma visão imagética sobre a origem do grupo e afirmação de uma identidade.

Ligada à memória do Lucas aparece a alusão ao santo protetor. Aquele que luta e defende os desprotegidos e excluídos por todas as categorias da sociedade. No local em que se escondeu um bandido também foi encontrada uma imagem de São João. É por isso que o Bairro é chamado São João, relata uma moradora. O primeiro homenageia a um santo e o segundo a um negro foragido.

Não apenas essas histórias apresentam a origem da comunidade outras de igual expressão vão sendo trazidas à tona pelos moradores. Um morador aponta para o nome São João como sendo uma homenagem a um morador antigo. Talvez fosse esse um fundador daquele lugar de experiências sociais. Porém, permanece a história de Cazumbá - o companheiro do Lucas – negro foragido que havia se escondido no local.

As histórias e experiências de deslocamento e migração se confundem com as histórias de construção e manutenção de uma identidade étnica. Neste contexto aparece João Cazumbá. Quem é? Segundo informações de moradores do Bairro São João do Cazumbá era um fazendeiro dono das terras que mais tarde se tornaria o Bairro São João do Cazumbá.

O primeiro morador é... é um velho que nem conheci. Que vendeu tudo ai. As terras tudo que chama João Cazumbá. É por isso que chama João Cazumbá. Chamava Cazumbá o primeiro dono que ninguém sabe, nem alcancei, que era dono deste terreno ai do São João. [Deponente Manuela de 74 anos. Aposentada e moradora de Bairro desde criança]

Será que João Cazumbá existiu e era dono das terras localizadas próximas ao Tomba? Quem era este homem e como teria adquirido o terreno?

No fórum Ministro João Mendes, em São Gonçalo dos Campos encontrar-se documentos que traz pistas sobre João Cazumbá.

Neste documento nome é João Cardozo Cazumbá. De acordo com as informações nele encontradas João Cazumbá era proprietário de terras no local Cruz. Neste sentido não temos informações acerca da localidade do Tomba e ele também possuía terras ali.

As terras foram adquiridas em 1879 quando João Cazumbá compra em parceria com Manoel Ferreira de Cerqueira do major Francisco Antônio de Carvalho. Eles compraram a fazenda denominada Várzea pela quantia de um conto e oitocentos mil réis.

Sobre quem era João Cazumbá ainda não disponho de informação. Neste sentido, suponho este seria um descendente de escravo, teria vindo da África para a região do Recôncavo. O nome Cazumbá descende do grupo etimológico Cazumbi, Zimbi, Nzumbi, originário do Kibundo Nzumbi, macrogrupo etnolinguístico Bantu. De acordo com o dicionário de Arte Sacra e Técnicas Afro-brasileiras (2003) o significado trata-se de uma entidade espiritual que estar no mundo participando com os vivos. É uma fusão dos espíritos dos homens e dos animais. É um ser fantástico, misterioso.

De acordo com Silva (2011) Cazumbá é de origem centro africana, mas especificamente de Angola e Moçambique da etnia Nhaneka-humbi. Lopes indica que cazumba é uma máscara de procedência africana encontrada em alguns autos populares. (LOPES, 2004, 180).

A cultura maranhense apresenta bois com um ritmo compassado, com badalo, pandeirões, chapéus bordados com penas de ema e a presença do cazumbá. Pensar na figura da cultura popular no Maranhão em que o Cazumbá esta presente como um folclore, é o mesmo que dizer que esse nome não se constitui apenas como experiência, mas como histórias e indivíduos e grupos do Recôncavo e do Sertão.

A memória da população apresenta pistas importantes para aqueles que desejam seguir rumo à trilha deixada pelos sujeitos históricos. Assim através de entrevistas com a população do Recôncavo e a família Cazumbá iniciei como um trabalho minucioso a reconstrução das experiências desta família. De acordo como os entrevistados a família Cazumbá tem reminiscência em São Gonçalo dos Campos. Eles dizem que é uma família de origem africana e que no município reside um elevado número de pessoas.

Além da tradição oral no fórum Ministro João Mendes, em São Gonçalo dos Campos encontrei documentos que trazem pistas sobre um ascendente da família chamado João Cardozo Cazumbá. De acordo com as informações nele encontradas João Cazumbá era proprietário de terras no local Cruz.

As terras foram adquiridas em 1879 quando João Cazumbá compra em parceria com Manoel Ferreira de Cerqueira do major Francisco Antônio de Carvalho. Eles compraram a fazenda denominada Várzea pela quantia de um conto e oitocentos mil réis. Além dessas propriedades outras foram adquiridas pelos filhos de João Cazumbá nos anos finais do século XIX e início do século XX.

Fica assim o questionamento qual o mistério esconde por traz do nome Cazumbá? Quais as experiências este nome está inserido? A investigação minuciosa continua no sentido de desvendar como a família Cazumbá chegou a este local e por que o nome é mantido não apenas pela família em São Gonçalo dos Campos, nas em nomes de Avenidas e Bairro em São Gonçalo e Feira de Santana, isto é essa experiência se constitui como uma experiência de ex-escravos e seus descendentes no Recôncavo e no Sertão da Bahia.

---

<sup>i</sup> Mestranda em Ciências Sociais\_ desigualdade, cultura e desenvolvimento pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Professora do Colégio Adventista de Feira de Santana; Professora pelas Faculdades Adventistas da Bahia, e pela PARFOR/UNEB. Email: chrilcarvalho@hotmail.com. Orientador: Dr. Walter Fraga Filho.

<sup>ii</sup> De acordo com a Certidão de Pedido do município de Feira de Santana, feita pelo governo de José Falcão em 1993. As terras do CIS foram compradas da Fazenda Subaé.

Depoimento de Hortência, moradora de São João do Cazumbá.

<sup>iii</sup> Os moradores contam que naquele local um grupo de homens, Lucas da Feira e seus companheiros teria se escondido no local.